

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O BOM DESEMPENHO DO DOCENTE

*Leila Leatrice Saldanha Pacheco¹
Marta Elisiabete de Fraga²*

Resumo: Este trabalho é uma pesquisa visando uma possível estratégia de motivação ao docente e ao mesmo tempo um alerta de acontecimentos que desencadeiam o professor ao desinteresse pela profissão. Este artigo é uma pesquisa qualitativa devido a abordagem do assunto investigado. O presente trabalho focaliza a formação continuada dos professores, na perspectiva de conhecer suas necessidades de formação, numa abordagem qualitativa e descritiva, visando as dificuldades e as carências dos docentes, apontando os desafios enfrentados pelos mesmos, as desmotivações e a falta de valorização do professor pela comunidade como um todo. Os resultados obtidos durante esta abordagem foram que: para exercer essa profissão, o mesmo precisa se manter atualizado, motivado para desempenhar bem seu trabalho. A construção de conhecimentos científicos durante a elaboração deste material, além do estudo sobre o tema: Por quais razões o educador nos dias de hoje enfrenta tantas dificuldades em sala de aula? Sanou satisfatoriamente o problema proposto.

Palavra-Chave: formação continuada, desmotivação, motivado, dificuldades.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes. A escola por sua vez deve utilizar destas ferramentas, a fim de obter, melhores rendimentos, dos indivíduos. Para tanto existe vários caminhos e descaminhos que levam o professor a incentivar os alunos a usarem e se apropriarem de todas essas tecnologias e fazer um bom uso das mesmas.

¹ Graduando de licenciatura de Matemática Plena. Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT.
<leilaleatrice@bol.com.br

² Graduando de licenciatura de Matemática Plena. Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT.
<martafraga1@live.com

Os caminhos seriam: elaborar aulas bem planejadas que utilizasse na sua metodologia ferramentas que possibilitassem um aprendizado significativo e significativo, sendo esse atrativo e ao mesmo tempo eficaz diante de todo o avanço tecnológico.

Os problemas da formação de professores só podem encontrar soluções satisfatórias se compreendermos que formação e profissionalização docentes são aspectos indissociáveis e que estão profundamente imbricados na escolha da profissão, na forma de ingresso no campo de atuação, no acolhimento no local de trabalho, nas formas de organização e produção do trabalho escolar, no grau de satisfação profissional com a carreira e com a profissão e nas perspectivas de crescimento e desenvolvimento profissional ao longo da vida. (Guimarães, 2006, p.111)

Os descaminhos seriam: um professor cansado, depressivo, estressado, despreparado, e muitas vezes o mesmo escolhe o curso de licenciatura por falta de opção, seja ela financeira ou vocacional.

Toda via, não é fácil ao professor identificar-se com uma profissão cuja imagem social não oferece referências positivas, comuns e mobilizadoras. O papel da formação inicial, longe de ignorar e muito menos de esconder essa realidade, é expô-la à discussão, ao estudo não idealizado da situação. E não só os possíveis resultados e conclusões a respeito são formativos, mas também o é seu significado, como estratégia formativa, nos vários aspectos que ela contém. (Guimarães, 2006, p. 60)

Nos dias de hoje a educação é o alicerce do indivíduo, sendo assim devemos sempre acreditar no que realizamos e ter um ideal a ser alcançado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O uso de tecnologias em sala de aula

Percebe-se nos dias atuais, que o uso de tecnologias é frequente, em sala de aula, tanto por parte do docente quanto por vezes do discente, e essas tecnologias vão muito além do que apenas redes sociais, os docentes se apropriam de softwares que o auxiliam e também tornam a aula mais atrativa, mas muitas vezes criam-se impasses no uso ou não de tais ferramentas. Em reportagem atual na revista Cartas na Escola, publicou-se o seguinte:

Na contramão do discurso a favor da tecnologia na educação, faculdades nos Estados Unidos vêm proibindo o uso de telefones celulares e de aparelhos com

conexão à internet. Na faculdade católica de Wyoming, por exemplo, os alunos entregam os celulares a um fiscal antes das aulas. Televisões também foram banidas, assim como o acesso a parte dos sites nos computadores dos dormitórios (CARTAS NA ESCOLA, 2013, p.12).

Aqui no Brasil, também geraram-se discursos em torno do uso ou não de tecnologias em sala de aula, mais especificamente, os celulares: “No Brasil, o tema já causou polêmica quando, em 2008, uma lei do governo de São Paulo proibiu a utilização de telefones celulares pelos alunos nas salas de aula das escolas estaduais” (CARTAS NA ESCOLA, 2013, p.12).

Nessa perspectiva, professores precisaram se adequar a essa nova lei imposta às escolas, fazendo assim com que alunos a cumpram.

Porém em contraponto, existem escolas e colégios que utilizam redes sociais como forma de auxílio pedagógico, acreditando dessa maneira, que elas são boas auxiliares na velocidade de dados, e trocas compartilhadas entre os estudantes:

No colégio Salesiano Dom Bosco, de Santa Rosa, os alunos do Ensino Médio utilizam grupos de estudos orientados na página do Facebook. O objetivo do trabalho é usar a tecnologia na aprendizagem de História e Sociologia. Nos grupos, são publicados documentários, textos, notícias, imagens, opiniões de autores e, ainda, resumos, fluxogramas, comentários e textos produzidos pelos próprios alunos. A velocidade da comunicação na Internet permite a troca de experiências e informações e facilita o acesso a novas descobertas científicas. Além disso, serve como meio de divulgação de livros, artigos, congressos e tantos outros subsídios que auxiliam no estudo da História e da Sociologia (EDUCAÇÃO EM REVISTA, 2013, p. 15).

Na realidade, o que precisa acontecer é o uso inteligente de todas as tecnologias que são disponibilizadas para nós, todos os dias, e principalmente, como discentes, fazer com que os alunos tenham consciência e sejam críticos e exigentes no modo em que todas essas ferramentas são empregadas na sala de aula e como tais artifícios são utilizados para então, gerar bons resultados.

É preciso saber identificar quais são as metodologias que nos permitem tirar o máximo de proveito dessas tecnologias em relação ao desenvolvimento humano, ou seja, elas precisam propiciar a constituição de redes de comunicação nas quais as diferenças sejam respeitadas e valorizadas; os conhecimentos sejam compartilhados e construídos cooperativamente; a aprendizagem seja entendida como um processo ativo, construtivo, colaborativo, cooperativo e autor regulador (EDUCAÇÃO EM REVISTA, 2013, p. 10).

Mas aspectos negativos vieram junto a essa leva de tecnologias, como exemplos podemos citar: o plágio, o drama do entulho eletrônico, como outros. Em reportagem a revista Veja o professor de metodologia científica Marcelo Krokoszcz afirma: “O acesso fácil a todo tipo de informação no computador, inclusive aquela de alto nível acadêmico, tornou a reprodução de conteúdo uma operação tão tentadora quanto trivial” (VEJA, 2011, p. 102). Assim sendo, cabe ao professor o papel de investigar o seu aluno, para que não haja plágio ao fazer qualquer tipo de trabalho por ele solicitado, e conseqüentemente que não ocorra o hábito de se fazer isso com naturalidade, é preciso fazer-se uso de todos os dados, mas ensiná-los a sempre fazer referência do que se foi citado.

Realmente tentar fazer diferença já que: “Todos os dias surgem inúmeras inovações tecnológicas no mercado e algumas delas são incorporadas pelas escolas. Porém, houve pouca mudança na sala de aula, até agora” (EDUCAÇÃO EM REVISTA, 2013, p.11).

O professor pode utilizar de todos os ganhos que se tem com essas tecnologias, sensibilizar seus alunos à consciência de se destinar para o lugar apropriado os lixos eletrônicos, se utilizarem de softwares, de planilhas e de cálculos para fazer estimativas de perdas e lucros, e de maneira correta elaborar uma aula produtiva e atrativa a esses estudantes que nasceram em plena época digital.

2.2. Formação continuada dos professores

Nos dias de hoje, a educação tem acompanhado um grande processo de mudanças, para a melhor formação de um novo sujeito, capaz de tomar suas próprias decisões, tornando-se mais crítico e objetivo. O conhecimento, no entanto, não é apenas nos livros que encontramos, mas nos diálogos, nas trocas de experiência, onde a nossa reflexão deve ser constante.

Além disso, se tem discutido muito a respeito da formação continuada dos professores, onde o mesmo passa de docente para aluno, a partir desse princípio, abandona-se o conceito de formação docente como processos de atualização que se dão através da aquisição de informações científicas e didáticas, para adotar um conceito de formação que consiste na construção de conhecimentos e teorias sobre a prática, a partir da reflexão crítica.

Sobre esta orientação, Imbernón afirma:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. (2001 p.48-49).

O conhecimento, no entanto é um conjunto de conceitos, teorias, valores e crenças, que se vai adquirindo através das experiências obtidas no seu dia a dia, mas o mesmo não pode esquecer-se de se qualificar, em busca de um maior desempenho profissional, por sua vez Garcia afirma que:

A formação apresenta-se nos como um fenômeno complexo e diverso sobre o qual existem apenas escassas conceptualizações e ainda menos acordo em relação às dimensões e teorias mais relevantes para a sua análise. [...] Em primeiro lugar a formação como realidade conceptual, não se identifica nem se dilui dentro de outros conceitos que também se usam, tais como educação, ensino treino, etc. Em segundo lugar, o conceito formação inclui uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global que é preciso ter em conta face a outras concepções eminentemente técnicas. Em terceiro lugar, o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação (GARCIA, 1999, p. 21-22)

Vivemos em uma época de muitas transformações, momentos de muitas incertezas, neste contexto esta inserida a figura do educador, que deve estar sempre se inovando e se reciclando, para acompanhar as mudanças na educação nos dias de hoje, pensar em formação com qualidade, onde o professor tenha total controle do conhecimento que irá passar a seus alunos.

Muito se tem discutido a respeito da formação continuada dos professores, que faz com que o docente se torne aluno, levando o ao campo de pesquisa , buscando novas técnicas para fazer de suas aulas uma troca de conhecimento, tornando as mais produtivas e atrativas para os alunos, pois, os mesmos tem a função de transmitir experiências, fazendo com que os discentes busquem o aprendizado de forma dinâmica, para compreensão do que se aprende em sala de aula.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LDBEN) – 9394/96 Art. 61, estabelece que:

A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos :1º- a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; 2º aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituição de ensino e outras atividades.

No entanto para ser um professor que esteja apto a praticar o conceito de reflexão, o mesmo deve estar aberto a novas maneiras de exercer sua profissão, modificando o modo de trabalhar os conhecimentos, pois, a prática de refletir deve ser constante em sua formação, podendo dessa forma ter uma visão mais crítica sobre sua atuação como educador, de acordo com Freire (2002 , p. 43)

(...) é fundamental que, na prática da formação docente o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente de deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o processo formador.

Sendo assim com base no que diz Freire (2002) “que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, entende se que a formação continuada dos professores, é o caminho na busca de novos conceitos, novas tecnologias para uma formação de melhor qualidade.

Mas o que entendemos por qualificação?

De acordo com o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, o vocábulo “formação” deriva do latim *formatione* e tem o sentido de formar, construir, que por sua vez, está em processo de interação e de transformação de conhecimentos. O educador Freire (1996) já se referiu à formação como um fazer permanente que se refaz constantemente na ação, certo que a formação não se dá apenas por acúmulos de conhecimentos, mas também em conquistas construídas com a ajuda de livros, mestres, das conversas entre professores, da internet, Freire já dizia que ninguém forma ninguém, cada um forma a si mesmo, é possível compreender que o conceito de formação esta suscetível de inúmeras perspectivas, mas se tem associados ao desenvolvimento pessoal e profissional, a respeito da questão pessoal, também Garcia tem a esclarecer que:

O processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre até atingir um estado de plenitude pessoal [...] Inclui problemas relativos aos fins e/ou modelos a alcançar, os conteúdos / experiências a assumir, às interações sujeito-meio, aos estímulos e plano de apoio no processo. Mantém relação com o ideológico-cultural, como espaço que define o sentido geral dessa formação como processo. (GARCIA, 1999, p. 19)

Além de sua formação acadêmica, o docente deve estar disposto a inovar, buscar um diferencial para suas aulas, através de prática pedagógica com a utilização do lúdico e do concreto, estimulando o aluno em sua aprendizagem, fazendo com que o estudante ligue o conteúdo à prática, por isso a formação continuada se torna tão importante. Mas o que se entende por formação continuada?

Segundo Libâneo (2004, p.227),

“O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.”

O docente precisa tomar consciência de que esse processo deverá estar presente em toda a sua vida profissional, enriquecendo sua prática, e proporcionando mudanças ao longo de sua carreira, enriquecendo o seu currículo profissional e colaborando na formação de um indivíduo mais crítico, criativo, capaz de ir buscar um futuro melhor, tendo assim uma melhor qualidade de vida .

Muitas vezes os estudantes de cursos de licenciatura, e até colegas de profissão apontam uma grande dificuldade em investir na formação continuada, alguns por falta de oportunidade e outros por acreditar ser desnecessário, porém é preciso entender que na maioria das vezes a maior resistência se dá pelos docentes mais antigos, onde eles não eram vistos como portadores de conhecimento, e sim considerados reprodutores de um longo currículo escolar, que não favorecia em nada o desenvolvimento do conhecimento do aluno, não havia práticas que fizessem os estudantes refletirem por determinado assunto como as que se tem nos dias de hoje, Perrenoud (1999 s/p), afirma que:

“A reflexão possibilita transformar o mau-estar a revolta, o desânimo, em problemas, os quais podem ser diagnosticados e até resolvidos com mais consciência, com mais método. Ou seja, uma prática reflexiva nas reuniões pedagógicas, nas entrevistas com a coordenação pedagógica, nos cursos de

aperfeiçoamento, nos conselhos de classe, etc...- leva a uma relação ativa e não queixosa com os problemas e dificuldades.”

O docente deve ter consciência de que sua formação não acabou junto com sua formatura, mas que será contínua, para que possa ser um bom profissional. Acontece que muitos se formam em licenciatura não por ter convicção na profissão e sim por falta de opção e muitas vezes por não ter condições financeiras para outra formação, ou seja, algo com o qual ele se identifique melhor, pois esse curso é mais acessível. “Um dos aspectos importantes para o conhecimento de um projeto de formações de professores é procurar saber se (e como) o curso propicia o vínculo dos alunos com a profissão, e identificação profissional”. (Guimarães, 2006, p.90). A formação continuada do professor pode ser caracterizada como uma atividade de mediação, entre docente e discente, fazendo um elo, entre os conhecimentos de ambos, trocando ideias, informações, experiências Guimarães afirma que:

O que se deve mover para a discussão dessa temática e o empenho na formação desse profissional é a convicção de que a educação é processo imprescindível para que o homem sobreviva e se humanize e de que a escola é instituição ainda necessária nesse processo. Enfim, a relevância dessa temática está na compreensão da urgência, da complexidade e da utopia do projeto de qualidade para uma sociedade efetivamente mais democrática.(Guimarães, 2006, p. 31)

No entanto, para os docentes na maioria das vezes fica difícil em ter uma formação continuada, pelo seu baixo poder aquisitivo, levando ele a perder o entusiasmo pela profissão, deixando-o sem motivação para exercer de forma plena sua profissão. Guimarães reforça que:

Sabemos que não é fácil, no Brasil, sobreviver dessa profissão (salários baixos, jornada extensa e condições materiais difíceis) nem, tampouco sobreviver nessa profissão, considerando o desgaste físico, emocional e cultural (pouco tempo e estímulo para se atualizar) a que os professores são, em geral, expostos em sua trajetória profissional. Essa realidade torna-se bem mais explícita diante das recorrentes “ novas exigências “ criadas para cumprimento pelos professores. Nesse contexto, não é fácil o professor desenvolver uma imagem positiva da profissão docente. Mais difícil ainda se aos próprios cursos reforçarem essa imagem negativa do ser professor. (Guimarães, 2006, p. 90)

Com isso podemos observar a importância de continuar na busca de aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação.

2.3. Desmotivação dos professores

As regras impostas para os magistrados são exorbitantes e injustas, são muitos os deveres exigidos deles e poucos os direitos a eles destinados. Vivem exaustos, sufocados pelo excesso de trabalho e a falta de sustentabilidade econômica, sentem-se injustiçados por se dedicarem muito e não serem valorizados pelos seus esforços. Como diz Leite (2003, p. 23):

Assistimos [...] nos dias atuais a uma série de transformações econômicas, sociais e políticas que correspondem ao esgotamento de um momento da acumulação capitalista e à emergência de um novo modo de acumulação, o que tem tido profundas implicações para as relações de trabalho.

A realidade do professor é quase desesperadora, a precariedade das escolas e a superlotação de alunos em sala de aula são problemas sérios e prejudicam o bom andamento das aulas. Sem falar que é muito trabalho e nenhum reconhecimento. Mendes (2003 p. 16) destaca o trecho do depoimento de uma professora da educação básica:

Muitos alunos falam palavrões em sala de aula. Escrevem em classes e paredes, ofendendo professores. Riscam os carros no estacionamento. Debocham de nós, nos desprezam. É como se nós tivéssemos direito de conquistar nada: um carro, uma casa, férias, uma viagem, um objeto bonito. Professoras que vêm bem arrumadas para a escola são motivo de chacota e fofocas dos alunos. Os jovens não respeitam seus pais, por que respeitariam a nós?

A violência presente na escola tem influenciado na desmotivação do professor em sala de aula, contribuindo assim para um ensino de baixa qualidade, desanimando-o e prejudicando seu desempenho e a aprendizagem dos alunos. Segundo Souza (2007, p. 2):

A violência que ocorre nas escolas, principalmente contra professores que atuam no ensino médio e fundamental constitui uma das causas para a educação brasileira não apresentar qualidade compatível com a de países desenvolvidos.

O desrespeito e as agressões sofridas por muitos professores de escolas públicas e privadas, vem afastando os profissionais das mesmas, eles vivem acuados pelo vandalismo. Para MARTINEZ (2003, p.79): "A saúde do trabalho docente e saúde escolar,

ambas estão relacionadas com a vida cotidiana na escola, suas regulamentações e exigências, não aparecem no dos governos nas áreas de educação e saúde pública." Esses fatores e muitos outros vêm causando estresses em muitos profissionais dessa área, dificultando a conciliação do convívio com os alunos como orientador e a luta contra os males que esse ambiente mal estruturado pelas leis e normas desenvolvidas para regulamentar seus direitos.

Para os trabalhadores, a construção da saúde é a mobilização consciente ou não das potencialidades de adaptação do ser humano, permitindo-lhe interagir com o meio de trabalho e lutar contra o sofrimento, a morte, as deficiências, as doenças e a tristeza. (ASSUNÇÃO. 2003, p.33).

O professor numa realidade, não muito distante das influências familiares e sociais levadas por toda uma vida, desvenda, individualmente em cada indivíduo o espaço real e concreto, vivenciado por ele próprio. Ser educador é revelar e, ao mesmo tempo, dar sentido a vida do estudante. É desvendar o ser humano em todas as suas construções e reconstruções, configurando seus conhecimentos e visões do mundo, como diz Costa (1995, p. 83):

Nosso século tem registrado profundas transformações no trabalho dos docentes decorrentes do modo como ele se insere nas injunções estruturais e conjunturais de sociedades profundamente marcadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico e pela transição para uma era pós-industrial.

Portanto a história está repleta de crises que mostram as transformações que afetam a todos de modo geral e em todos os sentidos.

2.4. Razões que levam o docente a seguir a sua vocação

Atualmente ensinar é uma tarefa muito difícil para os professores, pois a maioria dos alunos vem para a sala de aula sem vontade de aprender, fazendo com que eles tenham mais dificuldades de disponibilizar o aprendizado do mesmo. Na maioria das vezes isso ocorre porque o que era bom foi se desgastando e os alunos foram perdendo o interesse das aulas teóricas que ocorrem no dia a dia das escolas.

Segundo a revista Veja (2009), 46% dos professores dizem que sua maior dificuldade é conter a indisciplina e despertar a atenção dos alunos em sala de aula.

Muitos dos ambientes escolares não trazem materiais adequados para a realização de aulas manipulativas e diferentes do dia a dia, sendo assim o professor não consegue atingir todas as tarefas planejadas com êxito, tendo que ficar nas aulas teórica e tradicional todo ano letivo. Muitos professores ficam desmotivados para planejarem aulas diversificadas. Também sentem a falta da parceria com os pais na educação das crianças, pois muitos deles não visitam a escola o ano inteiro. Além de todos esses pontos negativos o salário do professor é um dos mais desvalorizado do mercado, fazendo com que diminua o número de pessoas dispostas a seguir essa profissão.

Ao aluno deve ser dado o direito de aprender. Não um 'aprender' mecânico, repetitivo, de fazer sem saber o que faz e por que faz. Muito menos um 'aprender' que se esvazia em brincadeiras. Mas um aprender significativo do qual o aluno participe raciocinando, compreendendo, reelaborando o saber historicamente produzido e superando, assim, sua visão ingênua, fragmentada e parcial da realidade. (FIORENTINI, MIORIM, 1990 p. 9)

Apesar de todos esses fatores, muitos professores continuam se dedicando ao ato de ensinar, muitos trazendo seu próprio material concreto tentando fazer com que os alunos tenham um pouco mais de interesse em aprender. Assumem papéis diversos, tornando-se conselheiro, assistente social, pai adotivo; já que não existe na sociedade de hoje uma família ideal, pois os pais trabalham fora e nem sempre moram na mesma casa. Esses fatores levam a diminuição do tempo dedicado às crianças.

É na família e na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nelas adquirem-se os modelos de aprendizagem, os princípios éticos e morais que permeiam a sociedade. Na escola também se depositam expectativas, dúvidas, inseguranças e potencialidades. Participando na socialização escolar a família contribui de modo imprescindível para a vida social da criança. Atuando nos espaços escolares, na orientação, no direcionamento, nas regras e normas de valores, proporcionará á criança melhor desenvolvimento pra a vida e convívio social. (RAMOS, 2009, p.35).

Ser professor vai além de ensinar um conteúdo, precisa ter vocação para transmitir conhecimento e sabedoria para crianças, jovens e adultos. Hoje em dia as maiorias dos professores não trabalham pelo salário ou por algo parecido, mas sim pelo prazer de poder ensinar e poder dar a cada um, uma educação digna. O professor que transforma informações em conhecimento faz de seu aluno um protagonista que descobre como associar informações que já possui para atribuir significado às informações que recebe. Não se pode imaginar um futuro para humanidade sem educadores, pois professor não só

transforma a informação em conhecimento e em consciência e crítica, mas também formam e transformam pessoas.

Como afirma Carla Barbosa "Ser professor é ser muito mais do que alguém que transmite um conjunto de saberes. Acredito que a personalidade dos adultos é o reflexo dos professores que se cruzaram com eles enquanto crianças/aluno".

5 CONCLUSÃO

Portanto, foi possível verificar que a motivação do professor é essencial para um bom rendimento em sala de aula. Mas para que isso aconteça foi possível perceber que existem vários fatores contribuintes, que são eles: Interesse dos alunos, autoestima do próprio professor, infraestrutura adequada, cursos preparatórios, participações de pais e responsáveis no auxílio aprendizado, etc.

Além disso, infelizmente podemos perceber que com tantos aspectos positivos, como o avanço tecnológico, ainda existe muitas dificuldades a serem enfrentadas, que vão além da sala de aula, como a dificuldade do professor de perceber que, ele precisa se reciclar buscando uma formação continuada para assim exercer melhor sua profissão, pois, se o mesmo estiver bem informado e bem preparado, este poderá elaborar uma aula de qualidade, onde os alunos conseguirão absorver o conhecimento que o docente esta mediando.

Com tudo é preciso ressaltar que para o docente conseguir aprimorar seus conhecimentos, o mesmo precisa ter vocação e sensibilidade para atuar nessa profissão e ao mesmo tempo o docente tem a necessidade de ver o aluno interessado e disposto a aprender.

Por tanto para uma educação de boa qualidade é necessário à colaboração tanto do aluno e do professor como também da escola, dos pais e responsáveis, já que estas fazem parte de um todo "a sociedade".

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Saúde e condições de trabalho nas escolas públicas. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

BARBOSA, Carla. **Educare.pt** Disponível em:
<<http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13565&langid=1>>, acesso em: 04 dez.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/96. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997. 47 p.

CARTAS NA ESCOLA, Ed. Confiança, n. 80, p. 12, out./ 2013

COSTA, Maria C. Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

EDUCAÇÃO EM REVISTA, n. 100/Ano XVII/ set/out 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 28. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002. 165 p.

GARCIA, C. M. **A formação de professores**: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In NÓVOA, António (Coord.). Os professores e sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 51-76.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora 1999.

GUIMARÃES, Walter Soares. **Formação de professores**: Saberes, identidade e profissão. 3ª ed. Papiros, 2006.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: forma-se para mudança e a certeza. São Paulo: Cortez, 2001

LEITE, Márcia de Paula. **Trabalho e sociedade em transformação**: mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiania: Alternativa, 2004

LIMA, Roberta de Abreu, **O plágio na era Digital**, Revista Veja, ed. Abril, ed. 2206, ano 44, n. 9, p.100-104/ mar./2011.

MARTÍNEZ, Deolídia. **Estudos do trabalho docente**. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MENDES, Tânia Maria; TORRES, Juliana Mousquer. **A vitimização de professores e a “alunocracia” na Educação Básica**. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética segundo o protocolo 2006-373H. Os sujeitos que participaram da investigação assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em desenvolvimento, 2007

MIORIM, M.A. ; FIORENTINI, D. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no ensino de Matemática.. **BOLETIM SBEM-SP**, São Paulo, v. 7, p. 5 – 10/ 01 ago. 1990.

PEREIRA, Camila. Quando ensinar é uma guerra. **Veja**, 2009. Disponível em <http://veja.abril.com.br/170609/p_096.shtml> acesso em: 04 dez

RAMOS, Alisson Thiago Almeida. (org.) Os desafios da Família nos Processos de Socialização Escolar. **Revista Pedagógica**. Porto Alegre, nº 52, p.32-35, jan/10.

SOUZA, Jadir Cirqueira de. **Refém da violência escolar: como reagir?**. Uberlândia-MG, 2007, Disponível em <<http://www.justitia.com.br/artigos/1d04db.pdf> >. Acesso em 07/12/2013.